



# DUNA

Frank Herbert

Tradução de Jorge Luiz Calife

(a partir da 4ª Edição brasileira)

*“A todas as pessoas cujo trabalho se estende além das idéias para o reino da “matéria real”. Aos ecologistas das terras áridas, onde quer que estejam, em qualquer época em que trabalhem, é dedicado este esforço de previsão, com admiração e humildade.”*

## **Sobre a Digitalização desta Obra:**

Se os livros tivessem preços acessíveis, todos poderíamos comprá-los. A digitalização desta obra é um protesto contra a exclusão cultural e, por consequência, social, causadas pelos preços abusivos dos livros editados e publicados no Brasil. Assim, é totalmente condenável a venda deste e-livro em qualquer circunstância. Distribua-o livremente.

“Para que Peter Pan viaje por outras terras... SEM PAGAR PEDÁGIO!!!”

# SUMÁRIO

Livro I: Duna	003
Livro II: Muad'Dib	256
Livro III: O Profeta	460
Apêndices	619
Terminologia do Império	645
Notas cartográficas	670

Livro I:

DUNA

*O começar é o momento mais delicado na correção do equilíbrio. Esta irmã Bene Gesserit bem o sabe. Por isso, ao começar a estudar a vida de Muad'Dib, teve o cuidado de situá-la em sua época: nascido no 57º ano do Imperador Padishah Shaddam IV. E com mais cuidado ainda localizou Muad'Dib em sua terra: o planeta Arrakis. Mas que ninguém se iluda com o fato de ter ele nascido em Caladan e lá ter vivido seus primeiros quinze anos: Arrakis, o planeta conhecido como Duna, será para sempre a sua terra.*

– *do Manual do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan*

Na semana anterior à sua partida para Arrakis, quando toda aquela agitação final chegara a um frenesi quase insuportável, uma velha encarquilhada veio visitar a mãe de Paul, o rapaz.

Era uma noite quente no Castelo Caladan e a antiga pilha de rochas, que servira como lar para a família Atreides por vinte e seis gerações, exibia aquela atmosfera suarenta que costumava adquirir antes de uma mudança no tempo.

A velha foi introduzida por uma porta lateral do longo corredor abobadado que levava ao quarto de Paul, e foi-lhe concedido um momento para observá-lo enquanto ele dormia.

Na penumbra de uma lâmpada suspensa enfraquecida e pendurada junto do solo, o rapaz acordado podia ver diante da porta uma forma feminina volumosa erguendo-se um passo adiante de sua mãe. A velha parecia uma bruxa com o cabelo como teias de aranha embaraçadas, feições obscurecidas pelo capuz e dois olhos como jóias brilhantes.

– Ele não é muito pequeno para sua idade, Jessica? – indagou a velha, sua voz chiando e ressonando como um baliset desafinado.

A resposta da mãe de Paul veio em suave contralto: – Saiba-se que os Atreides começam a crescer tardiamente, Sua Reverência.

– Assim ouvi, assim ouvi – chiou a voz asmática da velha.

– No entanto ele já tem quinze anos.

– Sim, Sua Reverência.

– Está acordado e nos escutando, esse maroto – riu a velha.

– Mas a realeza precisa ser matreira e se ele é realmente o Kwisatz Haderach... bem...

Nas sombras de seu leito Paul conservava os olhos

semicerrados. Os dois ovais brilhantes formados pelos olhos da bruxa pareciam reluzir, expandindo-se ao fitá-la.

– Durma bem, seu molequinho esperto – disse ela. – Amanhã precisará de toda a sua esperteza para enfrentar meu *gom jabbar*.

Então ela se foi, empurrando sua mãe para fora e fechando a porta com uma pancada seca.

Paul ficou acordado pensando: o que será um *gom jabbar*?

Em todas as perturbações desse tempo de mudanças, a velha fora a coisa mais estranha que presenciara.

“Sua Reverência.”

E o modo como ela tratara sua mãe Jessica, como se ela fosse uma criada em vez do que ela realmente era: uma dama Bene Gesserit, uma concubina do duque e mãe de seus herdeiros ducais.

Seria um *gom jabbar* alguma coisa pertencente a Arrakis e que ele precisaria conhecer antes de chegar lá?

Repetiu as estranhas palavras da velha: *gom jabbar*... Kwisatz Haderach. Havia tanto que aprender... Arrakis devia ser um lugar tão diferente de Caladan, que a mente de Paul rodopiava com seus novos conhecimentos. Arrakis-Duna-Planeta Deserto.

Thufir Hawat, o Mestre de Assassinos de seu pai, lhe explicara: os Harkonnen, seus inimigos mortais, haviam ocupado Arrakis durante oitenta anos, mantendo o planeta como um semifeudo, sob um contrato com a Companhia CHOAM para minerar a especiaria geriátrica Melange. Agora os Harkonnen partiriam e seriam substituídos pela Casa dos Atreides, na forma de um feudo completo – uma vitória aparente do Duque de Leto. No entanto, dissera Hawat, esta aparência guardava um perigo mortal, sendo o Duque tão popular entre as Grande Casas de Landsraad.

– E um homem popular atrai o ciúme dos poderosos – concluíra Hawat.

“Arrakis-Duna-Planeta Deserto.”

Paul adormeceu para sonhar com uma caverna de Arrakis, com pessoas silenciosas movendo-se à sua volta na luz mortífera dos brilhoglobos. Era um lugar solene como uma catedral e ele ouvia um ruído fraco, como água gotejando. Enquanto sonhava, Paul tinha a certeza de que se lembraria quando acordasse. Ele

sempre se lembrava dos sonhos que eram previsões.

O sonho se apagou.

Paul acordou sentindo o calor de seu leito... pensando... pensando. Esse mundo do Castelo Caladan, sem brinquedos nem companheiros de sua idade, talvez não merecesse tristezas na despedida. Seu professor, o Dr. Yueh, havia insinuado que o sistema de classes faufreluches não era tão rígido em Arrakis. O planeta abrigava gente que vivia nas margens do deserto, sem caides ou bashares para comandá-los. Eram os povos esquivos da areia chamados Fremen, e nem os recenseamentos da Armada Imperial os registravam.

“Arrakis-Duna-Planeta Deserto.”

Sentindo suas próprias tensões, Paul decidiu praticar uma das lições do corpo-mente ensinadas por sua mãe. Três inspirações rápidas acionaram a resposta: caiu numa consciência flutuante...

focalizando sua percepção... dilatação arterial... evitando o mecanismo divagador da mente... ter consciência por escolha...

sangue enriquecido regando as áreas sobrecarregadas... “não se obtém comida-abrigo-liberdade somente com o instinto”... a consciência animal é incapaz de se estender além do momento presente e não conhece a idéia de que suas vítimas possam se extinguir...

o animal destrói e não produz... os prazeres animais permanecem próximos dos níveis de sensação e evitam o perceptivo... os humanos necessitam de uma tela de fundo através da qual possam perceber seu universo... consciência focalizada por escolha, isso produz a sua tela... a integridade corporal segue o fluxo sangüíneo-neural de acordo com a mais profunda consciência das necessidades celulares... todas as coisas/células/seres são inconstantes... lute pela permanência de fluxo interno...

Dentro da consciência de Paul a lição se repetia, seguidamente. E quando a aurora tocou a janela do quarto com sua luz amarelada ele a sentiu através das pálpebras fechadas; abrindo-as, ouviu a agitação renovada do castelo, vendo o padrão familiar das vigas do teto.

A porta do corredor se abriu e sua mãe apareceu com cabelos de um bronze pálido presos em coque por uma fita negra. O rosto oval desprovido de emoção com os olhos verdes a fitá-la

com solenidade.

– Já está acordado... Dormiu bem?

– Sim.

Ele observou seu porte esbelto e percebeu o indício de tensão em seus ombros enquanto ela escolhia as roupas nas prateleiras.

Outro não teria notado essa tensão, mas ela o treinara bem nos ensinamentos Bene Gesserit, nas observações das minúcias. Voltou-se trazendo-lhe um casaco semiformal. Estava lá a crista vermelha do falcão, o símbolo dos Atreides, sobre o peito.

– Vista-se depressa – disse ela. – A Reverenda Madre está esperando.

– Sonhei com ela uma vez – respondeu Paul. – Quem é ela?

– Ela foi minha professora na escola de Bene Gesserit. Agora é a Reveladora da Verdade para o Imperador. E... Paul... – Jessica hesitou. – Você deve contar a ela sobre seus sonhos.

– Contarei. Foi com sua ajuda que ganhamos Arrakis?

Nós não *ganhamos* Arrakis. – Jessica sacudiu a poeira das calças que escolhera para ele e colocou-as junto com o casaco, no suporte ao lado da cama. – Não deixe a Reverenda Madre esperando.

Paul se sentou segurando os joelhos. – O que é um gom jabbar?

Novamente o treino que ela lhe dera mostrava a ele sua hesitação quase imperceptível, fazendo-o sentir medo.

Jessica caminhou até a janela, abriu as cortinas e olhou através dos pomares junto ao rio, na direção do Monte Syubi. – Você aprenderá a respeito do... gom jabbar muito breve.

Percebendo o temor em sua voz, ele ouviu-a surpreso, enquanto Jessica falava sem se voltar.

– A Reverenda Madre está esperando em minha sala matinal.

Por favor, apresse-se.

A Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam observou, sentada numa cadeira, enquanto mãe e filho se aproximavam. As janelas ao seu lado abriam-se para a curva sul do rio e as terras cultivadas dos Atreides, mas a Reverenda Madre ignorava a visão. Sentia o peso da idade nessa manhã, e isso a punha de mau humor... Culpava por isso as viagens espaciais, com aquela abominável Corporação Espacial e seus costumes secretos. Todavia essa era uma missão que exigia atenção especial de uma Bene Gesserit *com a visão*. Nem mesmo a Reveladora da

Verdade do Imperador Padishah poderia eximir-se de suas responsabilidades.

“Maldita Jessica!”, pensou a Reverenda Madre. Se ao menos ela houvesse dado à luz uma menina, como lhe foi ordenado.

Jessica parou a três passos da cadeira e fez uma pequena reverência com um suave movimento de sua mão esquerda ao longo da borda da saia. Paulo inclinou-se ligeiramente como seu mestre de dança lhe ensinara, numa reverência usada quando em dúvida quanto à importância da outra pessoa.

Essas nuances na saudação de Paul não escaparam à Reverenda Madre, que comentou: – Ele é bem cauteloso, Jessica. – A mão de Jessica tocou o ombro do rapaz de um modo firme. No tempo de uma batida do coração seu toque transmitiu medo através da palma, depois ela conseguiu se controlar.

– Assim lhe foi ensinado, Sua Reverência.

“De que é que ela tem medo?”, cismava Paul.

A velha estudou Paul num instante apenas : rosto oval como o de Jessica, mas ossos fortes... os cabelos negros do Duque, as sobrancelhas do avô paterno, e aquele nariz fino, desdenhoso, os olhos verdes a fitarem diretamente, como os do velho Duque, avô paterno, agora morto.

“Bem, aquele era um homem que apreciava o poder da coragem, mesmo na morte”, pensou a Reverenda Madre.

– O ensinamento é uma coisa – disse ela –, o ingrediente básico é outra. Veremos. – Os velhos olhos fitaram Jessica duramente. – Deixe-nos a sós. Apreciaria se praticasse a meditação da paz.

Jessica tirou a mão do ombro de Paul. – Sua Reverência, eu...

– Jessica, você sabe o que deve ser feito.

Paul olhou para sua mãe, intrigado.

Jessica se empertigou. – Sim... é claro.

Paul observou novamente a Reverenda Madre. A polidez e o próprio temor de Jessica aconselhavam cautela, mas ele sentia-se furioso com o medo que percebera se irradiando de sua mãe.

– Paul... – Jessica respirou fundo –, esse teste que está prestes a realizar é importante para mim.

– Teste? – Olhou para ela intrigado.

– Lembre-se de que você é um filho do Duque – disse Jessica.



Depois girou e saiu da sala acompanhada pelo ruído sibilante de sua saia. A porta fechou-se sólida por trás dela.

Paul encarou a velha e conteve sua raiva. Pode alguém tratar Lady Jessica como se ela fosse uma criada?

Um sorriso tremulou nos cantos da boca enrugada. – Lady Jessica foi minha criada, garoto, durante quatorze anos na escola.

E foi uma boa criada. Agora venha cá!

A ordem o atingiu como uma chicotada e ele obedeceu antes que pudesse pensar. “Usando a Voz em mim”, pensou. Parou diante de um gesto da velha, ficando ao lado de seus joelhos.

– Está vendo isto? – perguntou ela. De uma das obras do vestido retirara um cubo de metal verde, com aproximadamente quinze centímetros de aresta.

Ela o girou deixando Paul perceber que um dos lados estava aberto – negro e assustador. Nenhuma luz penetrava aquela escuridão.

– Ponha sua mão dentro desta caixa.

O medo percorreu o corpo de Paul. Ele começou a recuar mas a velha disse : – É assim que você obedece a sua mãe?

Fitou aqueles olhos de pássaro. Então, lentamente, sentindo compulsões e incapaz de inibi-las, Paul colocou a mão dentro da caixa. Sentiu a princípio uma sensação de frio, enquanto a escuridão se fechava em torno de sua mão, depois sentiu um metal escorregadio contra seus dedos e um formigamento, como se a mão estivesse adormecida.

Uma aparência destruidora tomou as feições da mulher. Ela ergueu a mão direita e colocou-a junto a um dos lados do pescoço de Paul. Ele viu um brilho metálico e começou a se voltar.

– Pare! – gritou ela.

“Usando a Voz novamente!”, pensou ele enquanto tornava a fitar o rosto dela.

– Eu estou segurando meu gom jabbar junto de seu pescoço.

O gom jabbar, o inimigo destro – disse ela. – É uma agulha com uma gota de veneno na ponta. Ah, ah! Não tente recuar ou você sentirá o veneno.

Paul tentou engolir e sentiu a garganta seca. Não conseguia afastar seus olhos da face enrugada, dos olhos brilhantes, das

gengivas pálidas em torno dos dentes de metal prateados que apareciam enquanto ela falava.

– Um filho do Duque *deve* entender de venenos. É a moda da época, não é, Musky?, ser envenenado na bebida. Aumas, ser envenenado na comida. Os venenos rápidos, os lentos e os mais ou menos. Aqui há um novo para você: o gom jabbar. Ele mata apenas os animais.

O orgulho de Paul controlou seu medo: – Atreve-se a sugerir que o filho do Duque é um animal?

– Digamos que eu sugiro que você seja humano – respondeu a velha. – Firme! Aviso-lhe que não tente escapar. Sou velha mas minha mão pode espetar esta agulha em seu pescoço antes que possa fugir.

– Quem é você? – sussurrou. – Como enganou minha mãe para me deixar sozinho consigo? Trabalha para os Harkonnen?

– Os Harkonnen? Deus nos livre, não. Agora fique quieto.

– Dedos ressequidos tocaram seu pescoço e ele controlou um impulso involuntário de pular longe.

– Bom – disse ela. – Você passou no primeiro teste. Agora eis o resto dele. Se retirar sua mão desta caixa você morre. Esta é a única regra. Mantenha a mão na caixa e você vive; tire-a e morre.

Paul respirou fundo para controlar seus tremores. – Se eu gritar, os servos estarão aqui em segundos e *you* morrerá.

– Servos não passarão por sua mãe, que monta guarda diante daquela porta. Confie nisso. Sua mãe sobreviveu a este teste.

Agora é a sua vez. Sinta-se honrado. Raramente submetemos a este teste as crianças do sexo masculino.

A curiosidade reduziu o medo de Paul até um nível controlável.

Ele sentia sinceridade na voz dela, não havia como negá-la. Se sua mãe estava guardando aquela porta... se era realmente um teste... O que quer que fosse ele estava preso, apanhado como numa armadilha por aquela mão em seu pescoço: o gom jabbar.

Lembrou-se da resposta na Lítania contra o medo, que sua mãe lhe ensinara a partir do rito Bene Gesserit.

“Eu não temerei. O medo é o assassino da mente. Medo é a morte pequena que traz a obliteração. Enfrentarei meu medo. Não permitirei que ele passe sobre mim ou através de mim. E, quando ele se for, voltarei minha visão interna para olhar sua trilha.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

